ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Elogio histórico de José Sebastião e Silva

por

A. Almeida Costa

da Academia das Ciências de Lisboa

LISBOA
1974

Separata de
MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
CLASSE DE CIÊNCIAS
Tomo XVII (1974)

Elogio hstórico de José Sebastião e Silva

O elogio histórico dum académico pelo académico efectivo que vai ocupar a cadeira daquele não é imposto por simplès razão costumária. De facto, o Regulamento da Academia, aprovado pela Portaria n.º 18 873, de 18 de Dezembro de 1961, conservando velhas disposições legais, que parece datarem de 1872, estabelece, no seu art.º 15.º: «o novo académico efectivo pronunciará, no prazo de seis meses, a contar da data da sua eleição, o elogio histórico do académico cujo falecimento determinar a vaga em que foi provido, só entrando na posse da sua cadeira depois de cumprida esta obrigação». Trata-se de uma determinação sábia. Infere-se esta sabedoria, ao pensar-se ser possível encontrar, nos elogios desta índole, elementos importantes, por vezes fundamentais, para a história das épocas em que viveram, lutaram e sofreram muitas das figuras insignes da nossa Terra.

Pelo falecimento do Prof. José Sebastião e Silva, ocorrido em 25 de Maio de 1972, decidiu o conclave dos académicos efectivos da Classe de Ciências, em sessão realizada em 16 de Novembro do mesmo ano, honrar-me com a admissão no seu grémio e aí ocupar a cadeira n.º 18, que àquele professor pertenceu.

Poderia julgar-se que, na idade dos cruéis desenganos, do desfazer permanente de velhas ilusões, em que cada dia é sepulcro de esperanças que se mostraram vãs, já não se poderia ser tocado por um gesto tão magnânimo como o daquela decisão dos meus ilustres confrades. Puro engano. Enquanto se vive, encontram-se em nós energias adormecidas ou ignoradas, capazes de provocar reacções ainda cheias de idealidade, só julgadas possíveis em sentimentos de juventude e nunca terem origem naqueles restos de existência do homem que parece aguardar apenas o termo das suas angústias, mergulhado, não obstante, no dilema sombrio de haver ou não haver sido causa única das suas frustrações. É assim que, antes de tudo, agradeço a subida honra que tiveram a bondade de me conceder.

O elogio do Prof. José Sebastião e Silva tem de incidir principalmente sobre a sua vida de cientista e sobre os acontecimentos que a condicionaram. Julgo, porém, não deixar de ser oportuno, embora isso se faça com a timidez que a brevidade determina, dizer algumas palavras sobre o cidadão. Não privei com o Prof. Sebastião e Silva, pode dizer-se, fora das situações oficiais. Mas tomei o cuidado de colher, no meio em que ele se realizou como cidadão, as informações de que carecia para dar cumprimento a esta parte do meu dever. Em poucas palavras se sintetiza o que importa afirmar: o Prof. Sebastião e Silva foi um bom filho, um bom marido e um bom pai; e deixou amigos numerosos aos quais se antolha a obrigação de dar culto a essa amizade sob forma condigna.

Falemos então do homem de ciência. Concluído o seu curso do liceu, em Évora, com a classificação de 19 valores, frequenta em Lisboa a Faculdade de Ciências, onde obteve, em 1937, o diploma de licenciatura em Matemática, com 18 valores. De 1940 a 1942, é bolseiro, no País, do Instituto de Alta Cultura, publicando nesse intervalo de tempo, na *Portugaliae Mathematica,* vários trabalhos de Álgebra e de Topologia, entre os quais é de destacar o que se intitula «Sur une méthode d'approximation semblable à celle de Gräffe. Com este método, é possível proceder à resolução aproximada de uma equação algébrica inteira, desde que esta equação admita apenas raízes simples. As aproximações dão logo as raízes, contrariamente ao que sucede no método de Gräffe propriamente dito, pois que aí são calculados primeiramente os módulos das raízes e só depois os respectivos argumentos.

A seguir a 1942, durante 4 anos, foi bolseiro, em Itália, também do Instituto de Alta Cultura. Publica aí, em 1946, nos *Rendiconti della Accademia dei Lincei,* duas memórias complementares da que acima se referiu sobre o método de Gräffe. Desenha-se nestas últimas uma tendência de carácter construtivo, com a preocupação de regras que possibilitem, de modo prático e elegante, os cálculos dos erros cometidos sobre as raízes das equações em causa.

A seguir a estes trabalhos, do domínio da Álgebra, e de um estudo sobre os fundamentos da Matemática, o Prof. Sebastião e Silva orienta-se decididamente para a Análise Matemática. L. Fantappiè, havendo introduzido o conceito de função localmente analítica, ou seja de função de variável complexa unívoca e analítica num domínio aberto do plano-espera Ω (que pode não ser conexo), em substituição do conceito de função analítica de Weierstrass, conseguiu um progresso importante na teoria das funções de variável complexa, sobretudo no estudo das funções pluriformes. O espaço funcional S de Fantappiè é formado pelo conjunto de todas as funções localmente analíticas, sob a hipótese de elas se anularem no ponto impróprio, no caso de esse ponto pertencer ao seu domínio de existência. É introduzida em S uma certa topologia, não hausdorffiana, e revela-se particularmente útil o conceito de linha analítica, dado nos seguintes termos: $G(\lambda)$ supõe-se uma função, definida num domínio aberto D do plano-esfera Ω, com valores em S; então, se $D(\lambda)$ for o domínio de existência da função de z, correspondente a λ, domínio que pode não ser conexo, e se pusermos $G(\lambda) = \Omega - D(\lambda)$, diz-se que $G(\lambda)$ representa uma linha analítica quando $[G(\lambda)](z) = G(\lambda, z)$ for função localmente analítica das duas variáveis e o conjunto fechado $C(\lambda)$ for função contínua de λ.

A teoria de Fantappiè teve muitas aplicações em análise, dando uma interpretação nova ao cálculo simbólico de Heaviside e ensinando a resolver certas equações às derivadas parciais. Mas a teoria encontrou dificuldades nos problemas sobre o prolongamento analítico das funções introduzidas. Essas dificuldades levaram o Prof. Sebastião e Silva, em 1947, a publicar nas *Atti della Accademia Nazionale dei Lincei,* sob o título «L'Analisi funzionale lineare nel campo delle funzioni analitichi», uma memória que o Prof. Mauro Piccone comenta, vendo nela bases fecundas de um grande progresso da teoria das equações lineares em espaços lineares analíticos. Nessa memória, fala-se de função analítica ligada a um conjunto C. Suposto C um conjunto fechado não vazio do plano-esfera Ω, não coincidente com Ω, tomem-se dois domínios D_1 e D_2 desse plano, ambos contendo C, e sejam $f_1(z)$ e $f_2(z)$ duas funções localmente analíticas definidas sobre D_1 e D_2, respectivamente. Se for $C \subseteq D \subseteq D_1 \cap D_2$ e se existir uma função analítica $f(z)$, definida sobre D, de tal modo que f_1 e f_2 sejam prolongamento de f, diz-se que f_1 e f_2 representam a mesma função analítica ligada a C. Constrói-se depois um espaço vectorial analítico $F[C]$, formado por todas as funções analíticas ligadas a C, que se anulam no ponto impróprio, se este ponto pertence a C. O espaço $\mathrm{F}[C]$ é um módulo unitário sobre o corpo dos complexos e introduz-se nele uma topologia pela qual passa a ser um espaço L, portanto um espaço onde é possível estabelecer se uma dada sucessão de elementos do espaço tem ou não tem por limite um dado elemento desse espaço. Se α for uma variável complexa e A for uma região do plano-esfera da variável α, então, suposta $\mathrm{A} \xrightarrow{\varphi} \mathrm{F}[C]$ uma aplicação tal que a cada $\alpha \in \mathrm{A}$ faz corresponder uma função bem determinada $\varphi_\alpha \in \mathrm{F}[\mathrm{C}]$, diz-se que se obtem uma função vectorial analítica dependente de α. O estudo destas funções é elaborado. Em particular, a análise das transformações unívocas T, dum espaço F [C] noutro espaço F [C*], faz parte dos raciocínios sobre funções vectoriais analíticas. T é suposta linear. Quando a aplicação φ é função do número natural n (e não de α), a hipótese

$$T \lim \varphi_n = \lim T \varphi_n$$

caracteriza T como operador contínuo. E T diz-se um operador analítico, se transforma funções vectoriais analíticas em funções vectoriais analíticas. Tratando de determinar todos os possíveis operadores lineares analíticos, chega a identificar operadores analíticos e operadores contínuos.

Ao dar conta desta teoria, o Prof. Sebastião e Silva observa que ela se enquadra num tipo de Análise mais geral, não havendo necessidade de supor $F[C^*]$ um espaço vectorial analítico. E, assim, na sua dissertação de doutoramento, em 1948, sob o título «As funções analíticas e a Análise funcional», põe, por exemplo, o problema seguinte: Suposto $\mathcal{S}$ um espaço — L vectorial, estudar os operadores lineares contínuos, isto é, tais que os elementos $f \in F[C]$ sejam transformados

em elementos $Tf \in \mathcal{S}$, por forma que se tenha $T(\lim f_n) = \lim T f_n$. O espaço $\mathcal{S}$ pode ser um espaço de Banach ou uma reunião de infinitos espaços de Banach, de que o próprio espaço $F[C]$, como o Prof. Sebastião e Silva reconheceu, dá uma realização, pois é uma reunião duma sucessão crescente de espaços de Banach. É esta ordem de ideias que é desenvolvida, em 1950, num trabalho publicado na *Revista da Faculdade de Ciências de Lisboa,* designado por «Sobre a topologia dos espaços funcionais analíticos».

Em 1950, Dieudonné e Schwartz publicaram um trabalho fundamental sobre espaços localmente convexos, que são espaços vectoriais topológicos para os quais existe um sistema fundamental de vizinhanças da origem constituído por conjuntos convexos. Köthe reconhece que o espaço do Prof. Sebastião e Silva é um espaço localmente convexo e refaz a essa luz a teoria respectiva. Os resultados de Köthe estão na origem do trabalho do Prof. Sebastião e Silva publicado em 1953, na *Portugaliae Mathematica,* com o título de «Sui fundamenti della teoria dei funzionali analitichi». Aí mostra, ao ocupar-se do problema do prolongamento analítico, que esse prolongamento é único, quando tratado dentro do esquema dos espaços $F[C]$, enquanto que na teoria de Fantappiè podem definir-se infinitos prolongamentos analíticos. A teoria dos operadores lineares é convenientemente estabelecida e são postas em evidência certas dificuldades da análise espectral correspondente.

Com o aparecimento da teoria das distribuições de L. Schwartz, o Prof. Sebastião e Silva reconhece a importância dessa teoria para os problemas de análise funcional que o têm constantemente preocupado. Schwartz define uma distribuição como uma funcional linear contínua no espaço D das funções indefinidamente deriváveis com suporte compacto. Essas funcionais definem um espaço linear D' no qual se introduz uma topologia de espaço localmente convexo. É a topologia forte de L. Schwartz, definida como a topologia de convergência uniforme sobre os conjuntos limitados de D.

O Prof. Sebastião e Silva, num trabalho publicado na *Revista da Faculdade de Ciências de Lisboa,* em 1954-1955, com a designação de «Sur une construction axiomatique de la théorie des distributions», introduz as distribuições duma forma directa, enunciando um certo número de axiomas, a que deu a forma seguinte, numa conferência realizada em Roma, em 1961. Tome-se a recta real R, considere-se um intervalo I da recta R, designe-se por $C(I)$ o espaço das funções complexas, definidas e contínuas em I, e aceitem-se os resultados da teoria das funções numéricas contínuas. Então:

Axioma 1: Toda a função complexa, definida e contínua em I, é uma distribuição em I;

Axioma 2: A toda a distribuição T, em I, corresponde uma distribuição $D\,T$, em I, chamada a derivada de T, de tal modo que, se T é uma função admitindo derivada contínua em I, no sentido ordinário, $D\,T$ coincide com essa derivada;

Axioma 3: Definindo por indução a derivada de ordem r de T, $[D^0 T = T,\ D^r T = D^{r-1}(D\,T)]$, para toda a distribuição T, em I, existem um inteiro $r \geqq o$ e uma função $f \in C(I)$ tais que $T = D^r f$;

Axioma 4: Se r é um inteiro $\geqq o$ e f e g são duas funções contínuas em I tais que $D^r f = D^r g$, a diferença $f - g$ é uma função inteira de grau $< r$;

Diga-se todavia que, sob esta forma, apenas se põem em jogo as distribuições de ordem finita (ou representáveis como derivadas de ordem finita de funções contínuas) de Schwartz. Quanto às distribuições de ordem infinita, como o próprio Prof. Sebastião e Silva afirma, elas podem exprimir-se como sistemas compatíveis de distribuições de ordem finita.

Numa linguagem mais elaborada, partindo do espaço de Banach $C(K)$ das funções contínuas num intervalo compacto da recta real, o espaço $C_\infty(K)$ das distribuições em K, extensão daquele, é obtido como limite indutivo duma sucessão de espaços de Banach e a sua topologia é a topologia de limite indutivo. Então, a topologia forte do espaço das distribuições de Schwartz é a topologia de limite projectivo dos espaços $C_\infty(K')$, em que K' percorre os intervalos compactos da recta.

Como já se disse, o espaço $F[C]$ é um espaço localmente convexo, aliás análogo ao espaço $C_\infty(K)$ das distribuições. Ele pertence a uma classe de espaços localmente convexos introduzidos no trabalho «Su certe classi di spazi localmente convessi importanti per le applicazioni» e conhecidos hoje por espaços «de Silva». Duma maneira precisa, um espaço de Silva é limite indutivo duma sucessão crescente de espaços normados E_n tais que a aplicação idêntica $E_n \to E_{n+1}$ é completamente contínua para qualquer n. São espaços completos e reflexivos, identificáveis com os espaços duais fortes dos espaços de Schwartz metrizáveis e completos, na terminologia de Grothendieck.

A teoria das distribuições permitiu também ao Prof. Sebastião e Silva correlacionar o cálculo operacional de que algumas vezes se havia ocupado com os métodos baseados sobre a transformação de Laplace. Num trabalho de 1955, com o título «Le calcul opérationnel au point de vue des distributions», havendo alargado de modo conveniente o espaço funcional analítico completou resultados de Lions e de Schwartz, relativos à transformação de Laplace. Tome-se $k = 0, 1, 2, \ldots$ e designe-se por $\mathscr{A}_k$ o espaço das funções complexas $\varphi(z)$ tais que $\varphi(z)/z^k$ seja uma função contínua limitada sobre o semiplano $Rz \geqq k$ e holomorfa para $Rz > k$, dotado da topologia definida pela norma

$$\|\varphi\|_k = \sup_{Rz \geqq k} \left| \frac{\varphi(z)}{z^k} \right| .$$

Os espaços $\mathscr{A}_k$ são espaços de Banach e o seu limite é designado por $\mathscr{A}_\omega$. $\mathscr{A}_\omega$ é um espaço de Silva. Utilizando um método designado por método das indicatrizes, o Prof. Sebastião e Silva estuda as aplicações lineares contínuas de $\mathscr{A}_\omega$ num espaço localmente convexo E. Mostra que há uma correspondência biunívoca entre essas aplicações e certas aplicações holomorfas da recta complexa no espaço E. Estuda o espaço dual de $\mathscr{A}_\omega$ e introduz o espaço $\tilde{\mathscr{A}}_\omega$ das funções $\varphi = e^{kt}\psi$, onde $\psi \in \mathscr{A}_k$, $(k = 0,1, \ldots)$, munido da topologia mais fina que torna contínuas as aplicações $\psi \to e^{kt}\psi$, de $\tilde{\mathscr{A}}_\omega$ em $\mathscr{A}_\omega$. Prova então que $\tilde{\mathscr{A}}_\omega$ é a imagem de Laplace do espaço das distribuições de suporte limitado à esquerda, do quadro das distribuições denominadas «laplacisables» por L. Schwartz. Muitos destes resultados encontram-se na memória «Sur l' espace des fonctions holomorphes à croissance lente à droite» de 1958, continuação do trabalho anteriormente citado.

Entretanto, em 1956, havendo concorrido ao prémio «Artur Malheiros» desta Academia, com um estudo intitulado «Conceito de função diferenciável em espaços localmente convexos», recebeu esse prémio. Os resultados que encontrou e aí expõe têm sido objecto de análise de vários matemáticos e têm dado origem a outros estudos. Ainda recentemente nós próprios, a pedido do Sr. Presidente da Academia, tivemos de enviar para a Alemanha um exemplar deste trabalho, que à Academia havia sido solicitado.

Em 1960, o Prof. Sebastião e Silva, tendo reconhecido que o seu método axiomático poderia ser estendido às distribuições vectoriais, isto é, às aplicações lineares contínuas do espaço D num espaço vectorial E, localmente convexo, completo e separado, construiu efectivamente o espaço $C_\infty(K, E)$ das distribuições vectoriais.

Seja, então, o espaço E, com a topologia definida por um sistema de semi-normas $(p_\alpha)_{\alpha \in A}$ e designe-se por E_α o espaço completado do cociente $E/p_\alpha^{-1}(o)$. O espaço E é o limite projectivo dos E_α. Duma maneira precisa, para o espaço de dimensão um, tome-se um intervalo compacto $K = [a, b]$ da recta real, assim como E. Diz-se distribuição no sentido lato todo o sistema (T_α) obtido fazendo corresponder a cada $\alpha \in A$ uma distribuição $T_\alpha \in C_\infty(K, E_\alpha)$, de tal modo que seja verificada a condição de compatibilidade para as semi-normas. O limite projectivo $C_\infty(K, E)$ dos espaços vectoriais $C_\infty(K, E_\alpha)$ é o conjunto de todas as distribuições no sentido lato com valores em E e definidas sobre K. Então, designando por $C^m(K)$ o espaço vectorial das funções numéricas complexas em K e com derivadas contínuas até à ordem m, munido da norma usual, e com $D^m(K)$ e subespaço normado de $C^m(K)$ formado pelas funções deste espaço que se anulam, assim como as suas derivadas de ordem $\leqq m$, nos extremos de K, e pondo $D_k = \bigcap_{m=0}^{\infty} D^m(K)$, o Prof. Sebastião e Silva demonstra que existe uma correspondência biunívoca $\Theta \longleftrightarrow T$ entre as aplicações lineares contínuas Θ de D_k em E, e as distribuições (no sentido lato) definidas em K com valores em E. Essa correspondência é um isomorfismo $\mathscr{L}(D_k, E) \simeq C_\infty(K, E)$, onde $\mathscr{L}(D_k, E)$ representa o espaço daquelas aplicações lineares. O processo de tratamento leva ao teorema de Schwartz conhecido pelo teorema dos núcleos.

No trabalho de que nos vimos ocupando, designado por «Sur la définition et la structure des distributions vectorielles», outras questões são analisadas. Seja E um espaço de Banach. $D^n(K, E)$ representa o espaço das funções definidas na recta real, com valores em E, nulas fora de K e com derivadas contínuas até à ordem n, $(n = 0, 1, 2, \ldots)$, onde se introduz uma norma ligada à norma definida em E. Pondo $D(K, E) = \bigcap_{n=0}^{\infty} D^n(K, E)$, é introduzida em $D(K, E)$ uma certa topologia, e o Prof. Sebastião e Silva demonstra que o espaço das aplicações lineares contínuas de $C_\infty(K)$ em E e o espaço $D(K, E)$ são isomorfos, no sentido vectorial. Por outro lado verifica que $D(K)$ é um espaço nuclear, no sentido de Grothendieck, e que $C_\infty(K)$ é isomorfo ao dual forte de $D(K)$. Ora, Grothendieck provou que o dual forte dum espaço nuclear metrizável e completo é um espaço nuclear, e, assim, $C_\infty(K)$ é um espaço nuclear.

Na memória já indicada, de 1958, no sentido de alargar o domínio de existência da transformação de Laplace, foi levado a introduzir as ultradistribuições, com um carácter análogo às «Randverteilungen analytischer Funktionen» de G. Köthe. Nesse mesmo ano publica nos *Mathematische Annalen* um artigo que designou por «Les fonctions analytiques comme ultradistributions dans le calcul opérationnel». Generaliza aí o conceito de espaço S' das distribuições temperadas de Schwartz, introduzindo o espaço $\mathcal{U}'$ das ultradistribuições temperadas e estuda as aplicações lineares contínuas de $\mathcal{U}'$ num espaço localmente convexo. E, ao analisar as transformações das ultradistribuições de suporte limitado à esquerda, o Prof. Sebastião e Silva é levado a um espaço muito geral, o espaço V das ultradistribuições de tipo exponencial sobre R, próprio para a transformação de Laplace. E é feita a transformação de Fourier em V, definindo a imagem de Fourier duma ultradistribuição por um automorfismo de V, prolongando assim a transformação de Fourier ao espaço das ultradistribuições.

O cálculo simbólico, em que havia já obtido muitos resultados, levou-o, em 1962, a publicar, nos *Annali di Matematica*, um artigo sob a designação «Sur le calcul symbolique d'opérateurs permutables à spectre vide ou non borné», onde deu um esquema geral que lhe permitiu englobar vários tipos de cálculo simbólico. Para isso, substituiu a noção de espectro pela de filtro espectral. Seja A uma álgebra localmente convexa separada, com elemento unidade 1 e para a qual o produto é separadamente contínuo. O espectro elementar de um elemento $\alpha \in A$ é o subconjunto do plano complexo formado pelos valores de λ tais que $(\alpha - \lambda 1)^{-1}$ não existe em A. Chamando conjunto espectral de α todo o conjunto S_0 de números complexos verificando as duas condições seguintes: (1) o elemento $\alpha - \lambda 1$ de A é invertível para todo o $\lambda \in C - S_0$, se C é o plano complexo; (2) se a função $(\alpha - \lambda 1)^{-1}$ de λ, com valores em A, é limitada sobre $C - S_0$, então a família de todos os conjuntos espectrais de α forma um filtro, que se diz filtro espectral de α. Por outro lado, tendo em vista a verdadeira natureza das aplicações de cálculo simbólico, limitou-se a estruturas em que lhe foi simples utilizar os métodos de Waelbroeck, isto é, métodos utilizados nas chamadas estruturas bornológicas.

Do grande número de artigos do Prof. Sebastião e Silva que importaria referir ainda, limitamo-nos à citação de mais cinco. Três deles foram publicados em 1956, 1959 e 1960, nos *Rendiconti dell'Accademia Nazionale dei Lincei*, respectivamente sobre espaços localmente convexos, sobre o cálculo simbólico dos operadores diferenciais com coeficientes variáveis e sobre o cálculo operacional para operadores com espectro não limitado. O quarto veio a lume nos *Mathematische Annalen* e foi intitulado «Les séries de multipôles des physiciens et la théorie des ultradistributions». Neste artigo, de 1967, o Prof. Sebastião e Silva dá um fundamento teórico do método das séries dos multipolos dos físicos, utilizando as ultradistribuições com suporte limitado. Duma maneira precisa, faz uso, para o efeito, da teoria das ultradistribuições temperadas, que introduz por meio da transformação de Stieltjes, e estende a noção de integral de uma distribuição para as ultradistribuições. A propósito, é inserida neste artigo uma axiomática das ultradistribuições devida a um dos seus discípulos e são feitas aplicações à teoria do potencial e da radiação.

Entretanto, no Curso Internacional sobre a Teoria das Distribuições, levado a efeito em Lisboa sob os auspícios da NATO em 1964, o Prof. Sebastião e Silva havia apresentado o quinto trabalho referido, com a designação de «Integrals and orders of growth of distributions». Introduziu aí a noção de limite para distribuições sob uma forma mais geral do que havia feito até então. Isso lhe permitiu estudar já sob uma forma conveniente a integração de distribuições, com aplicação à convolução e à transformação de Fourier, que ficaram com aspecto muito geral. No trabalho referido anteriormente a este, parte destas ideias de 1964 é reestruturada, como se afirmou.

O Prof. Sebastião e Silva foi professor eminente do Instituto Superior de Agronomia e da Faculdade de Ciências de Lisboa. E, em situações oficiais ligadas à pedagogia do ensino, demonstrou que o investigador e o pedagogo podem coexistir. Ensinou na Espanha, na Itália, na Alemanha, na Inglaterra e na América. Por todo este imenso labor, pelos discípulos que criou e pelo prestígio que trouxe à matemática do nosso País, o Prof. Sebastião e Silva é considerado um analista notável do seu tempo e um dos mais insignes matemáticos portugueses de sempre. Deu lustre a esta Casa, onde o seu génio de investigador foi devidamente apreciado, através de numerosas comunicações, escutadas com admiração e respeito. Nas II Jornadas Matemáticas Luso-Espanholas, acabadas de realizar em Madrid e de que acidentalmente fui Presidente, a personalidade científica do Prof. Sebastião e Silva foi por várias vezes invocada, em significativa homenagem à sua obra de matemático de excepção.

Depois de tudo o que acaba de ser dito, e tão pouco é, permitam-me ainda Sr. Presidente, Srs. Académicos, minhas Senhoras e meus Senhores que, ao penitenciar-me da insuficiência com que levei a cabo a tarefa imposta à minha humildade, lembre uma circunstância singular: o Prof. Sebastião e Silva, o Prof. Vicente Gonçalves, cuja palavra luminosa e bondosa vamos ouvir, e eu próprio fomos, durante vários anos, os professores catedráticos do quadro do grupo das Matemáticas Puras da Faculdade de Ciências de Lisboa. É um facto para mim relevante, mas não se julgue que a ele ligo outra intenção de imodéstia diferente da de reconhecer que a Providência teve a generosidade de permitir sentar-me ao lado de dois grandes homens do nosso tempo.

A. ALMEIDA COSTA

(Discurso proferido na sessão plenária extraordinária da Academia em 4 de Maio de 1973.)